



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Ana Lúcia Simões Duarte

ESCALA DE CONECTIVIDADE SOCIAL – REVISTA:
ESTUDOS DE VALIDAÇÃO E INVARIÂNCIA DO MODELO DE
MEDIDA NUMA AMOSTRA DE ADOLESCENTES DA COMUNIDADE
E DE CONTEXTOS FORENSES

Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense orientada pelo
Professor Doutor Nélio Jesus de Freitas Brazão e apresentada à Faculdade de Psicologia e de
Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

setembro de 2023

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de
Coimbra

Escala de Conectividade Social – Revista: Estudos de validação e invariância do modelo de medida numa amostra de adolescentes da comunidade e de contextos forenses

Ana Lúcia Simões Duarte

Dissertação no âmbito do Mestrado de Psicologia Clínica Forense orientada pelo Professor Doutor
Nélio Jesus de Freitas Brazão e apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade de Coimbra

setembro de 2023



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Nota prévia

A presente Dissertação de Mestrado foi realizada no âmbito do Projeto de doutoramento “A eficácia de um Programa baseado na Autocompaixão e no Mindfulness com cuidadores de agressores juvenis em contexto de Centro Educativo: Um ensaio clínico aleatorizado por *clusters*” (2020.06452.BD), atualmente a ser desenvolvido por Marlene Paulo no Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenção Cognitivo Comportamental (CINEICC), da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).



Resumo

A Conectividade Social (CS), entendida como a consciência subjetiva da proximidade interpessoal com o mundo social, tem sido associada à promoção da saúde física e psicológica. A investigação tem-se debruçado na CS, sobretudo na adolescência, devido à importância que as relações interpessoais desempenham nesta fase do desenvolvimento. Dada a relevância da CS e considerando que a versão portuguesa da Escala de Conectividade Social – Revista (SCS-R), só estava validada para adultos, o presente estudo teve como objetivo validar a SCS-R com adolescentes portugueses. A amostra foi constituída por 357 adolescentes do sexo masculino (243 de uma amostra comunitária e 114 de uma amostra forense), com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos. Com recurso a uma Análise Fatorial Confirmatória e ao Estimador de Máxima Verossimilhança foram alcançados bons indicadores de ajustamento para todas as amostras, numa estrutura unifatorial de nove itens da SCS-R-A. A escala apresentou um nível de consistência interna boa e mostrou-se invariante para ambas as amostras. Contrariamente ao esperado, os resultados mostraram que os adolescentes da amostra forense reportaram níveis mais elevados de CS comparativamente aos da amostra comunitária. Foram ainda verificadas associações positivas entre a CS e experiências de calor e segurança e autocompaixão, e associações negativas com a vergonha externa e com a agressividade. A SCS-R-A demonstrou ser uma medida válida e confiável, fornecendo uma maior compreensão do impacto da CS no funcionamento interpessoal dos adolescentes.

Palavras-Chave: Adolescência; Análises psicométricas; Comportamento delincente; Conectividade Social; Invariância do modelo de medida.

Abstract

Social Connectedness (SC), defined as the subjective awareness of interpersonal closeness to the social world, has been linked to physical and psychological well-being. Considering that the development of interpersonal relationships is paramount in adolescence, SC has been a major topic within research, particularly with adolescents. Considering the importance of SC and the fact that the Portuguese version of the Social Connectedness Scale-Revised (SCS-R), was only studied with adults, the goal of the current research was to assess the psychometric properties of the SCS-R with Portuguese adolescents. The sample consisted of 357 male adolescents aged between 13 and 20 years old (243 from a community sample and 114 from a forensic sample). The Confirmatory Factor Analysis with Maximum Likelihood Estimation showed that a short unifactorial version of the SCS-R (9 items) presented good adjustment indicators for all samples. The scale demonstrated good internal consistency levels and proved to be invariant for both samples. Unexpectedly, results revealed that adolescents from the forensic sample reported SC levels higher than those of the community sample. Results also showed positive associations between SC and current experiences of warmth and safeness and self-compassion, as well as negative associations between SC and external shame and aggression. The SCS-R-A proved to be a reliable and valid measure, providing a greater understanding of the effect of SC on adolescents' interpersonal functioning.

Keywords: Adolescence; Delinquent behavior; Measurement Invariance; Psychometrics; Social Connectedness.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Nélio Brazão, foi um privilégio tê-lo como professor e orientador. Agradeço a valiosa partilha de conhecimentos, sabedoria, assertividade e apoio.

À Dra. Marlene Paulo, que foi sem dúvida imprescindível nesta caminhada. Por toda a sabedoria partilhada, disponibilidade e amabilidade. Por todo o apoio e palavras reconfortantes. Tenho-a como um modelo de excelência, tem a minha admiração profunda.

Aos Professores que marcaram o meu percurso ao longo destes cinco anos. Pelos exemplos que fizeram de mim uma aluna melhor, uma pessoa melhor e que certamente me guiarão para ser uma profissional melhor, Isabel Alberto, Manuela Vilar, Diana Ribeiro da Silva, Maria Ferro, Cláudia Ferreira, Daniel Rijo e Joaquim Valentim.

Aos jovens, que colaboraram na realização deste estudo e me receberam de forma afável, entusiástica e empenhada.

À minha mãe e irmã pela força da natureza que são, pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e conforto. Por todo o amor. Ao meu pai, minha estrela polar, que não pode ver de perto a finalização deste percurso, mas que sei que me continua a guiar.

À Carolina, pela paciência, pela positividade, por ter sido o meu ombro-amparo em todas as situações, especialmente as mais difíceis.

Às meninas dos Combatentes, do 401 ao 408, em especial à Inês, à Concha, à Gui, à Patty e à Sara, que tornaram este percurso tão mais bonito e leve.

Às minhas madrinhas, Mariana e Maria, os meus maiores exemplos.

À Matilde, por todos os desabafos, partilha de inquietações e momentos de entreajuda nesta caminhada.

A todas as pessoas que não mencionei, mas que de alguma forma marcaram o meu percurso académico.

A ti, Coimbra, por teres sido casa, aconchego e crescimento.

Índice

Introdução	1
Metodologia	6
Participantes	6
Instrumentos	8
Procedimento de investigação	12
Análise de dados	12
Resultados	14
Estrutura Fatorial	14
Invariância do modelo de medida	16
Comparação de médias	17
Validade convergente e validade divergente	18
Discussão	18
Bibliografia	23

Índice de tabelas

Tabela 1 – Características sociodemográficas das amostras em estudo.....	7
Tabela 2 – Índices de Ajustamento para as Versões de 20 itens e de 9 itens da SCS-R-A, para a amostra total, amostra comunitária e amostra forense.....	15
Tabela 3 – Cargas de itens padronizadas para amostra total, amostra comunitária e amostra forense.....	16
Tabela 4 – Invariância de Medição: invariância configural, invariância métrica e invariância escalar.....	17
Tabela 5 – Matriz de correlação entre SCS-R-A e variáveis externas (OASB-A, CEWSS-A, AQ-SF e SCS-A).....	18

Introdução

É consensual que os seres humanos são seres sociais, pelo que o sentimento de pertença e de reconhecimento social, bem como a formação de relações sociais positivas, saudáveis e significativas, têm um impacto relevante na saúde física e mental, na cognição, nos comportamentos e na longevidade (Brown et al., 2018; Driver et al., 2023; Holt-Lunstad, 2018; Stavrova & Luhmann, 2016). Os sentimentos de pertença e a proximidade interpessoal com o mundo social (i.e., família, pares, comunidade e sociedade) têm sido comumente definidos como Conectividade Social (CS). A CS parece refletir um atributo do *self* na medida em que resulta de experiências relacionais e sociais precoces que, por sua vez, contribuem para determinar o sentido do Eu (i.e., a forma como a pessoa se vê a si própria na relação com os outros e consigo mesma; Lee & Robbins, 1998).

As pessoas com níveis elevados de CS tendem a sentir-se mais seguras em atividades sociais, a perceberem-se como mais próximas dos outros, a interpretarem-nos como amigáveis e a identificarem-se mais facilmente com os mesmos (Driver et al., 2023; Lee et al., 2001; Malaquias et al., 2015; Satici et al., 2016). Por outro lado, pessoas com níveis reduzidos de CS poderão apresentar dificuldades em estabelecer e manter relacionamentos, podendo sentir-se incompreendidas e desconfortáveis em interações sociais, tendendo por isso a evitá-las, pelo medo da rejeição (Eraslan-Capan, 2016; Fatima et al., 2017; Moran et al., 2022; Tomova et al., 2021).

Vários estudos têm demonstrado um crescente interesse pela CS, tendo em conta a sua relevância para a saúde física e psicológica (Hare-Duke et al., 2019; Haslam et al., 2018; Holt-Lunstad et al., 2018; Wickramaratne et al., 2022), e também pelo papel protetor que esta parece desempenhar no desenvolvimento de perturbações mentais (Beaudequin et al., 2021; Driver et al., 2023; Faro et al., 2019; Wickramaratne et al.,

2022). Este interesse na CS parece ser ainda mais significativo na adolescência, sobretudo pela importância que a relação com os outros (i.e., crescente dependência de relacionamentos com pares e consequente participação em grupos sociais) tem nesta fase do desenvolvimento (Blum et al., 2022; Driver et al., 2023; Foster et al., 2017; Lamblin et al., 2017).

A adolescência tem sido comumente descrita como um período crítico de desenvolvimento físico, emocional, social e neuronal (i.e., desenvolvimento das regiões cerebrais que regulam o comportamento social e processam informações sociais; Diendorfer et al., 2021; Driver et al., 2023; Lamblin et al., 2017; Wong et al., 2018). Na adolescência, afigura-se a expansão dos ambientes sociais, e para que esta ocorra de forma saudável e normativa, a conectividade com as figuras adultas de apoio (e.g., pais ou cuidadores) é essencial (Keizer et al., 2019; Longaretti, 2020). A aceitação e a pertença ao grupo tornam-se, assim, tarefas desenvolvimentais fulcrais na adolescência (Longaretti, 2020), sendo que a CS desempenha um papel preponderante nesta fase.

Adolescentes que crescem e vivem em ambientes marcados por experiências interpessoais de calor e segurança, tendem a apresentar níveis elevados de CS, estratégias adaptativas de regulação emocional e bem-estar mental (Santos et al., 2021). Assim, as experiências de calor e segurança parecem desempenhar um papel importante no desenvolvimento de relações saudáveis, e de sentimentos de pertença e de ligação aos outros na relação com os pares, mas também com outros significativos (e.g., familiares) (Malaquias et al., 2015; Richardson et al., 2016; Santos et al., 2021).

Por outro lado, adolescentes que crescem em ambientes sociais pouco seguros e calorosos, marcados por experiências de abuso e de negligência, tendem a manifestar níveis mais baixos de CS. Estas experiências, por sua vez, parecem ter um impacto negativo no desenvolvimento dos adolescentes, podendo estes apresentar dificuldades de

regulação emocional (e.g., maior propensão à raiva, à irritabilidade e à frustração; Danhouse & Erasmus, 2020; Matos et al., 2013; Nikstat & Riemann, 2023; Santos et al., 2021). Acresce ainda que estes adolescentes podem adotar comportamentos de desafio em relação às normas sociais e familiares (Danhouse & Erasmus, 2020; Foster et al., 2017). Pela baixa sensação de CS, estes adolescentes podem socializar com pares desviantes (numa tentativa de pertencer ao grupo), o que, por sua vez, aumenta a probabilidade de estes se relacionarem de forma agressiva com os outros e de desenvolverem um estilo de comportamento delinvente, pautado pela violência (Foster et al., 2017; Van Horn et al., 2016; Van Wert et al., 2017; Ventura, 2018). Esta tendência parece ser mais frequente em adolescentes do sexo masculino (Danhouse & Erasmus, 2020).

Todos os seres humanos nascem com necessidades inatas de criar afeto positivo na mente dos outros e de se sentirem aceites pelos mesmos (Gilbert et al., 2017a). Estas necessidades são ainda mais acentuadas na adolescência, sendo esta uma fase de propensão à experienciação de sentimentos de vergonha (Matos et al. 2013; Paulo et al., 2020). A vergonha tem sido definida como uma emoção autoconsciente relacionada com a perceção subjetiva de se ser inútil, fraco, inferior e/ou defeituoso (Gilbert, 2017a; Paulo et al., 2020). Alguns adolescentes podem sentir que existem de forma negativa na mente dos outros (i.e., que os outros os avaliam e vêm de forma negativa), podendo por isso experienciar sentimentos de vergonha externa (Cunha et al., 2017; Gilbert, 2017a).

Adolescentes com comportamento delinvente, pela maior exposição a experiências hostis precoces, tendem a apresentar níveis mais elevados de vergonha, em comparação com os seus pares normativos (Elison et al., 2014; Gilbert, 2014; Vagos et al., 2016). Além disso, a investigação tem demonstrado que adolescentes com comportamento delinvente tendem a utilizar estratégias mal adaptativas para lidar com

os sentimentos de vergonha (i.e., externalizando esses sentimentos e adotando comportamentos agressivos em relação aos outros; Elison et al. 2014; Ribeiro da Silva et al. 2015; Vagos et al. 2016; Vagos et al., 2019). Pelo contrário, adolescentes com comportamento considerado normativo, tendem a adotar estratégias adaptativas de regulação dos sentimentos de vergonha, resultando na manutenção das relações interpessoais ajustadas (Paulo et al., 2020).

A investigação tem mostrado que os sentimentos de vergonha externa parecem estar intimamente ligados a uma percepção negativa que o indivíduo tem de si próprio (i.e., vergonha interna; Cunha et al., 2017; Gilbert, 2017a) e a níveis mais baixos de autocompaixão (Cunha et al., 2016; Kirby et al., 2019). Definida como a sensibilidade em relação ao próprio sofrimento e ao desejo genuíno de o aliviar ou prevenir (Fitrah et al., 2019; Neff, 2003; Neff & Germer, 2013), a autocompaixão reflete-se, portanto, na capacidade de o indivíduo se tratar a si próprio com a mesma gentileza, cuidado e encorajamento com que trataria um/a amigo/a (Neff, 2003).

A autocompaixão parece ter diversos benefícios ao longo da vida, e em particular durante a adolescência (Bluth & Clepper-Faith, 2023; Marsh et al., 2018). Adolescentes com níveis elevados de autocompaixão tendem a reconhecer os seus fracassos/erros de forma proporcional e equilibrada, a sentirem-se mais próximos do seu mundo social (i.e., família, escola, pares e comunidade) e a apresentarem bem-estar mental (Bloch, 2018; Bluth & Clepper-Faith, 2023; Cunha et al., 2016; Morley, 2015). Pelo contrário, adolescentes com comportamento delinvente, pelo facto de terem crescido em ambientes marcados por experiências hostis e traumáticas, tendem a considerar os outros e o contexto envolvente como ameaçadores e não seguros (Gilbert, 2017b; Ribeiro da Silva et al., 2015; Rijo et al, 2023), adotando por isso comportamentos agressivos. Esta visão negativa de si, dos outros e do mundo aumenta a dificuldade dos adolescentes em serem

compassivos consigo próprios (i.e., autocompaixão) e com os outros, o que, por sua vez, contribui para o aumento e manutenção dos sentimentos de vergonha (e das estratégias mal adaptativas para lidar com os mesmos). Consequentemente, estes adolescentes tendem a apresentar níveis reduzidos de CS (Morley, 2015; Ribeiro da Silva et al., 2015; Rijo et al., 2023).

Tendo em conta a relevância que a CS desempenha no desenvolvimento dos seres humanos no geral e nos adolescentes em particular, Lee e Robbins (1995) desenvolveram a Escala de Conectividade Social (SCS; *Social Connectedness Scale*), tendo a escala sido posteriormente revista por Lee et al. (2001), dando origem à Escala de Conectividade Social – Revista (SCS-R; *Social Connectedness Scale-Revised*), sendo esta última a mais frequentemente utilizada.

A SCS-R é unidimensional e composta por 20 itens, 10 itens redigidos positivamente, que pretendem avaliar a sensação de proximidade com os outros, a procura e a manutenção de ligações sociais; e 10 itens redigidos negativamente, que captam a experiência de distância e de isolamento relativamente aos outros. A versão original da medida apresentou bons indicadores psicométricos ($\alpha = .92$; Lee et al., 2001).

A versão revista foi adaptada para a população adulta portuguesa por Francisco et al. (2011), tendo apresentado excelentes níveis de consistência interna ($\alpha = .90$). Apesar de um estudo anterior ter explorado as relações entre experiências particulares do ambiente familiar, a CS e a sintomatologia depressiva e ansiosa em adolescentes portugueses (Malaquias et al., 2015), a medida não se encontrava devidamente validada para a adolescentes portugueses.

Assim, este estudo pretendeu colmatar esta lacuna, ao validar a SCS-R para adolescentes do sexo masculino, de uma amostra comunitária e de uma amostra forense, i.e., adolescentes a cumprir Medida Tutelar Educativa de Internamento em Centro

Educativo. Especificamente, foram definidos os seguintes objetivos: a) estudar as características psicométricas da SCS-R; b) testar a invariância do modelo de medida em função da amostra (i.e., comunitária e forense); c) testar se os níveis de CS variam em função da amostra (i.e., comunitária e forense); d) investigar a validade de construto relativamente a variáveis externas, como a vergonha externa, a agressividade, a autocompaixão e as experiências atuais de calor e segurança.

Tendo em conta a revisão da literatura supramencionada, espera-se que a escala apresente boas características psicométricas e uma estrutura unidimensional idêntica à versão para adultos, e que o modelo de medida seja invariante para ambas as amostras (i.e., comunitária e forense). Além disso, espera-se que os níveis de CS sejam superiores na amostra comunitária comparativamente à amostra forense. Por último, espera-se que a CS se associe de forma negativa com a vergonha externa e com a agressividade, e de forma positiva com a autocompaixão e com as experiências atuais de calor e segurança.

Metodologia

Participantes

Os participantes deste estudo foram adolescentes portugueses do sexo masculino com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos, pertencentes a amostras comunitárias e forenses. No total, participaram no estudo 357 adolescentes, sendo que 243 pertenciam à amostra comunitária e 114 à amostra forense (i.e., jovens a cumprir medida tutelar educativa de internamento). A seleção dos participantes obedeceu aos seguintes critérios de exclusão: (1) não saber ler e/ou escrever português; (2) perturbação neurodesenvolvimental e/ou do espectro da esquizofrenia e outras perturbações psicóticas. Este último critério foi avaliado através do questionário sociodemográfico na amostra comunitária, e com recurso a uma entrevista clínica estruturada na amostra forense.

No que diz respeito às características sociodemográficas (cf. Tabela 1), não foram encontradas diferenças significativas na idade entre os participantes da amostra comunitária e da amostra forense. Em média, os adolescentes da comunidade completaram 8.52 anos de escolaridade, comparativamente aos adolescentes da amostra forense, que completaram 6.62 anos de escolaridade. Esta diferença foi significativa e a magnitude do efeito foi elevada.

O nível socioeconómico (NSE) dos participantes foi calculado de acordo com a classificação portuguesa do Instituto Nacional de Estatística (2010). Na amostra forense, observou-se um número maior de adolescentes de NSE baixo, comparativamente à amostra comunitária. Por outro lado, observou-se uma frequência maior de participantes no NSE médio na amostra comunitária, comparativamente à amostra forense. Esta diferença alcançou a significância estatística e a magnitude do efeito foi moderada.

Tabela 1.

Características sociodemográficas das amostras em estudo

		Amostra Comunitária	Amostra Forense			
		M (DP)	M (DP)	<i>t</i>	<i>P</i>	<i>d</i>
Idade		15.91 (1.39)	16.71 (1.40)	-1.605	.109	-.182
Escolaridade		8.52 (1.78)	6.62 (1.39)	20.05	< .001	2.28
		N (%)	N (%)	χ^2	<i>P</i>	<i>V</i>
NSE	Baixo	133 (54.7)	103 (90.4)			
	Médio	106 (43.6)	10 (8.8)	44.23	< .001	.352
	Alto	4 (4)	1 (0.9)			

Nota. *M* = média; *DP* = desvio-padrão; *t* = *t* de Student; *d* = *d* de Cohen; χ^2 = qui-quadrado; *V* = *V* de Cramer.

Instrumentos

Caracterização do Participante. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais, relativos à idade, escolaridade, nível socioeconómico e problemas de saúde física e mental. Os adolescentes da amostra forense foram questionados acerca da medida tutelar educativa de internamento (e.g., duração e o regime de execução).

MINI Entrevista Neuropsiquiátrica Internacional para Crianças e Adolescentes (MINI-KID; MINI International Neuropsychiatric Interview for Children and Adolescents - Screen; Sheehan et al., 2010; versão portuguesa: Rijo et al., 2016). A MINI-KID é uma entrevista clínica estruturada que avalia psicopatologia em crianças e adolescentes, nomeadamente as perturbações mentais de acordo com o DSM-5 (e.g., Perturbação Depressiva Major, Perturbação Bipolar I e II, Perturbação de Pânico, Fobia Social, Perturbação Obsessivo-Compulsiva, Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção, Perturbação do Comportamento, Perturbação de Oposição, Perturbações Psicóticas). A MINI-KID permite também excluir causas médicas, orgânicas ou relacionadas com substâncias que possam estar na génese da sintomatologia. Acresce ainda que a MINI-KID permite o rastreio de Perturbação Global do Desenvolvimento e a avaliação do risco de suicídio. Todas as questões da entrevista são classificadas em formato binário (sim/não) e a sua administração tem uma duração aproximada de 20 minutos. Este instrumento é composto por 23 módulos, em que cada módulo corresponde a uma categoria de diagnóstico. Há várias questões de triagem para cada perturbação (que habitualmente avaliam o critério A do DSM-5), e no caso de as respostas a estas questões serem afirmativas, aplicam-se as restantes questões que procuram aferir a presença/ausência do diagnóstico correspondente. Este instrumento foi administrado apenas à amostra forense.

Escala de Conectividade Social – Revista – Versão para Adolescentes (SCS-R-A; Social Connectedness Scale – Revised – Adolescent Version; Lee et al., 2001; versão portuguesa para adultos: Francisco et al., 2011). A SCS-R-A é um questionário de autorresposta composto por 20 itens que avaliam a CS (i.e., as cognições interpessoais de proximidade pessoal face ao mundo social; e.g., "Sou capaz de me relacionar com os meus pares"). Os itens são respondidos numa escala de tipo *Likert* de seis pontos (1 = discordo totalmente a 6 = concordo totalmente). Pontuações mais elevadas são indicadores de níveis maiores de CS. A versão original e a versão portuguesa da escala para adultos apresentaram níveis de consistência interna excelentes: $\alpha = .92$ (Lee et al., 2001) e $.90$ (Francisco et al., 2011), respetivamente.

Vários itens da versão para adultos foram adaptados, de forma a torná-los mais acessíveis e compreensíveis para adolescentes. A versão final foi testada numa amostra comunitária de adolescentes, e foram realizadas alterações ligeiras aos itens para garantir a sua adequação às características da população-alvo. As propriedades psicométricas da SCS-R-A serão apresentadas na seção dos resultados.

Escala de Vergonha Externa – Versão Breve para Adolescentes (OASB-A; Other as Shamer Scale Brief – Adolescent Version; Goss et al., 1994; versão portuguesa breve para adolescentes: Cunha et al., 2012). A OASB-A é uma escala de autorrelato composta por oito itens que avaliam a vergonha externa (i.e., a perceção que os indivíduos têm de serem julgados negativamente pelos outros; e.g., "Penso que as outras pessoas me desprezam"). Os itens são respondidos numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos (0 = nunca a 4 = quase sempre), sendo que pontuações mais elevadas apontam para maiores níveis de vergonha externa. As versões original e portuguesa da escala revelaram valores excelentes de consistência interna $\alpha = .92$ (Goss et al., 1994) e $.95$ (Cunha et al., 2012),

respetivamente. No presente estudo, a OASB-A apresentou um valor de consistência interna bom ($\alpha = .87$).

Questionário de Agressividade – Versão Curta (AQ-SF; Aggression Questionnaire-Short Form; Buss & Perry, 1992; versão portuguesa breve para adolescentes: Pechorro et al., 2016). O AQ-SF é um questionário de autorresposta composto por 12 itens divididos em quatro subescalas: agressão física (e.g., “Há gente que me pressionou tanto que chegámos a "vias de facto".), agressão verbal (e.g., “Quando não estou de acordo com os meus amigos, digo-lhes abertamente”), raiva (e.g., “Por vezes sinto-me um barril de pólvora pronto a explodir.”) e hostilidade (e.g., “Por vezes sinto que a vida não me dá o suficiente.”). Os itens são respondidos numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos (1 = nunca ou quase nunca a 5 = sempre ou quase sempre), e cotações mais elevadas significam maiores níveis de agressão. Na versão original, a consistência interna da escala total foi boa ($\alpha = .89$), e os *alphas* das subescalas variaram entre .72 (agressividade verbal) e .85 (agressividade física; Buss & Perry, 1992). Na versão portuguesa, a consistência interna foi boa ($\alpha = .84$) para o total da escala, sendo que os *alphas* das subescalas variaram entre .62 (raiva) e .75 (hostilidade; Pechorro et al., 2016). No presente estudo, a consistência interna da escala total foi aceitável ($\alpha = .71$), não tendo sido utilizadas as subescalas.

Escala da Autocompaixão – Versão para Adolescentes (SCS-A; Self Compassion Scale – Adolescents Version; Neff, 2003; versão portuguesa para adolescentes: Cunha et al., 2016). A SCS-A é uma escala de autorresposta de 26 itens que avalia a autocompaixão. Especificamente, este instrumento é composto por seis subescalas: autobondade (e.g., “Sou tolerante e afetuoso(a) comigo mesmo(a) quando experiencio sofrimento.”); humanidade comum (e.g., “Quando as coisas me correm mal, vejo as dificuldades como fazendo parte da vida, e pelas quais toda a gente passa.”); *mindfulness*

(e.g. “Quando falho em alguma coisa importante para mim, tento analisar as coisas sem dramatizar.”); autojulgamento/autocriticismo (e.g., “Desaprovo-me e faço julgamentos acerca dos meus erros e preocupações.”); isolamento (e.g., “Quando falho nalguma coisa importante para mim, tenho tendência a sentir-me sozinho(a) no meu fracasso.”); sobre-identificação (e.g., “Quando me sinto “em baixo” tenho tendência a ficar agarrado(a) e a ficar obcecado(a) com tudo aquilo que está errado.”). Os itens são respondidos numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos (1 = quase nunca a 5 = quase sempre). Pontuações mais elevadas indicam níveis maiores de autocompaixão. Na versão original, a consistência interna da escala total revelou um valor excelente ($\alpha = .92$), e os *alphas* para as subescalas variaram entre .75 (*mindfulness*) e .81 (sobre-identificação; Neff, 2003). Na versão portuguesa para adolescentes, a escala total revelou boa consistência interna ($\alpha = .88$) e os *alphas* das subescalas variaram entre .70 (*mindfulness*) e .79 (isolamento; Cunha et al., 2016). No presente estudo, a consistência interna da escala total foi boa ($\alpha = .84$), não tendo sido utilizadas as subescalas.

Escala de Experiências Atuais de Calor e Segurança para Adolescentes (CEWSS-A; *The Current Experiences of Warmth and Safeness Scale for adolescents*; versão original: Santos et al., 2021). A CEWSS-A avalia a frequência com que os adolescentes sentem experiências emocionais de calor e segurança nos relacionamentos atuais. É composta por 12 itens (e.g., “Senti-me seguro/a e protegido/a”), avaliados numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos (0 = não, nunca a 4 = sim, a maior parte do tempo). Pontuações mais elevadas sugerem que o indivíduo se sente mais seguro e cuidado. Na versão original, a consistência interna da escala revelou um valor excelente ($\alpha = .95$; Santos et al., 2021). No presente estudo, o *alpha* foi igualmente excelente ($\alpha = .94$).

Procedimento de investigação

Este estudo foi desenvolvido no âmbito de um projeto de doutoramento intitulado “A eficácia de um Programa baseado na Autocompaixão e no Mindfulness com cuidadores de agressores juvenis em contexto de Centro Educativo: Um ensaio clínico aleatorizado por *clusters*” (2020.06452.BD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Os procedimentos do estudo foram aprovados pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, pela Direção Geral de Educação e pela Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Os participantes elegíveis, com idades compreendidas entre os 13 e 20 anos, foram convidados a participar voluntariamente. Adolescentes com menos de 18 anos forneceram assentimento informado e os jovens com 18 anos fornecem consentimento informado. Foi também obtido o consentimento informados dos tutores legais, em ambas as amostras. Na amostra da comunidade, os dados foram recolhidos, por conveniência geográfica, coletivamente em contexto escolar durante o horário das aulas. Na amostra forense, os dados foram recolhidos em todos os Centros Educativos do país, de forma individual com cada jovem. Em ambas os contextos, a avaliação decorreu na presença dos investigadores.

Análise de dados

Os dados foram analisados com recurso ao *IBM SPSS Statistical v27.0* e ao *Mplus version 7.4* (Muthén & Muthén, 2015). O IBM-SPSS foi utilizado para calcular estatísticas descritivas e níveis de consistência interna. Este *software* foi também utilizado para realizar uma Análise da Variância (ANOVA), com o objetivo de comparar os níveis de CS entre os adolescentes da amostra comunitária e forense. Finalmente, foram calculadas Correlações de *Pearson* para testar a associação da CS com variáveis externas

(i.e., vergonha externa, agressividade, autocompaixão e memórias emocionais de calor e segurança).

O *Mplus* foi utilizado para realizar uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com recurso ao Estimador de Máxima Verossimilhança (EMV), a fim de testar a estrutura fatorial da SCS-R-A. Nesta análise, foram considerados os seguintes indicadores de ajustamento, de acordo com as recomendações de Hu e Bentler (1999): *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA; $\leq .06$ bom, $\leq .08$ aceitável), *Comparative Fit Index* (CFI; $\geq .95$ bom, $\geq .90$ aceitável), *Tucker-Lewis Index* (TLI; $\geq .95$ bom, $\geq .90$ aceitável) e *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR; $\leq .09$). Conforme sugerido por Tabachnick e Fidell (2007), *loadings* superiores a .40 foram considerados adequados.

Em seguida, foi testada a invariância do modelo de medida, que de acordo com Dimitrov (2010), deve incluir a análise sequencial da invariância configural, métrica e escalar. A invariância configural refere-se ao ajuste adequado do modelo de medida para cada grupo separadamente. A invariância métrica adiciona a restrição de que os *loadings* dos itens são de magnitude semelhante para os grupos. Por fim, a invariância escalar restringe igualmente as interceções dos itens a serem semelhantes entre os grupos. Para determinar a invariância do modelo de medida, foram analisadas as diferenças nos indicadores de ajustamento (i.e., RMSEA, CFI, SRMR). De acordo com as recomendações de Chen (2007), a invariância métrica é determinada quando $\Delta CFI \leq .01$ combina com $\Delta RMSEA \leq .015$ ou com $\Delta SRMR \leq .03$; e a invariância escalar é estabelecida quando $\Delta CFI \leq .01$ combina com $\Delta RMSEA \leq .015$ ou com $\Delta SRMR \leq .01$.

Resultados

Estrutura Fatorial

Em primeiro lugar, foi testada a estrutura unifatorial da versão original da escala com 20 itens (Francisco et al., 2011; Lee et al., 2001). No entanto, os resultados da AFC utilizando o método EMV não foram adequados, considerando os indicadores de ajustamento inaceitáveis e/ou baixos *loadings*. Assim, foram aplicados os seguintes procedimentos: 1) exclusão de todas as vias não significativas; e 2) inclusão de vias sugeridas pelos Índices de Modificação (IM) e consideradas teoricamente relevantes. Em primeiro lugar, foram excluídos os 11 itens que apresentaram vias não significativas. Em seguida, foram realizadas correlações residuais entre os itens 7 e 11, com base nos IM. Este modelo apresentou bons indicadores de ajustamento para a amostra total, amostra comunitária e amostra forense (cf. Tabela 2). Além disso, foram obtidos *loadings* significativos ($p < .001$) e superiores a .40, bem como valores de consistência interna bons ou excelentes (cf. Tabela 3).

Tabela 2.

Índices de Ajustamento para as Versões de 20 itens e de 9 itens da SCS-R-A, para a amostra total, amostra comunitária e amostra forense

Amostra	Versão	χ^2	Df	RMSEA (CI 90%)	CFI	TLI	SRMR
Total	20 itens	573.547**	170	.082 (.074;.089)	.799	.775	.072
	9 itens	65.099**	26	.065 (.045;.085)	.956	.939	.036
Comunitária	20 itens	471.444**	170	.085 (.076;.095)	.818	.797	.074
	9 itens	47.169	26	.058 (.030;.084)	.970	.958	.034
Forense	20 itens	345.116**	170	.095 (.081;.109)	.613	.567	.100
	9 itens	37.062	26	.061 (.00;.103)	.938	.914	.059

Nota. Os Indicadores de ajustamento aceitáveis na versão dos 9 itens foram alcançados após a correlação residual entre os itens 7 e 11. Essa correlação residual foi aplicada igualmente em todos os modelos.

χ^2 = qui-quadrado; df = graus de liberdade; RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation; CI = intervalo de confiança; CFI = Comparative Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; SRMR = Standardized Root Mean Square Residual.

** Significativo ao nível $p \leq .001$.

Tabela 3.

Cargas de itens padronizadas para amostra total, amostra comunitária e amostra forense

Item	Amostra Total	Amostra Comunitária	Amostra Forense
	$\alpha = .89$	$\alpha = .90$	$\alpha = .82$
5	.569	.615	.407
6	.659	.667	.635
7	.642	.684	.515
9	.735	.773	.581
11	.768	.825	.648
13	.584	.631	.500
15	.789	.813	.718
17	.698	.709	.620
18	.652	.679	.551

Nota. α = alfa de Cronbach. Todos os valores de *loading* foram significativos $p < .001$.

Invariância do modelo de medida

Relativamente à invariância do modelo de medida entre a amostra comunitária e a amostra forense, a invariância configural foi alcançada ($\Delta CFI = .964$, $\Delta RMSEA = .059$, $\Delta SRMR = .043$). Consequentemente, análises de invariância métrica e escalar foram realizadas. A invariância métrica ($\Delta CFI = .965$, $\Delta RMSEA = .052$, $\Delta SRMR = .058$) e invariância escalar ($\Delta CFI = .958$, $\Delta RMSEA = .056$, $\Delta SRMR = .067$) também foram observadas (cf. Tabela 4). A SCS-R-A mostrou-se invariante, permitindo assim comparações robustas entre os grupos.

Tabela 4.

Invariância de Medição: invariância configural, invariância métrica e invariância escalar

	RMSEA	CFI	SRMR
Invariância Configural	.059	.964	.043
Invariância Métrica (IM)	.052	.967	.058
Cálculo da IM	-.007	.003	.015
Invariância Escalar (IE)	.056	.958	.067
Cálculo da IE	.004	-.009	.009

Nota. RMSEA = Root Mean Square Error of Approximation; CFI = Comparative Fit Index; SRMR = Standardized Root Mean Square Residual.

Comparação de médias

Conforme já foi explicitado, foi realizada a ANOVA para testar a existência de diferenças significativas nos níveis de CS entre adolescentes da amostra comunitária e forense. As análises preliminares dos dados consistiram na avaliação da normalidade das variáveis através do teste *Kolmogorov-Smirnov* e da análise dos valores de assimetria (Sk) e de curtose (Ku). De acordo com o teste de *Kolmogorov-Smirnov*, a pontuação total da CS não apresentou uma distribuição normal ($KS = .129, p \leq .001$). Contudo, segundo Kline (2005), os valores de assimetria e de curtose (-0.58 e -0.41, respetivamente) não representam um enviesamento sério ou comprometedor à distribuição normal ($|Sk| < 3$ e $|Ku| < 8-10$), pelo que foi utilizado um teste paramétrico (i.e., ANOVA), dada a robustez que este apresenta face a violação do pressuposto da normalidade (Maroco, 2010).

A ANOVA revelou um efeito significativo da amostra nos níveis de CS, $F(1, 335) = 7.886, p = .005, \eta^2 p = .022$. Os jovens da amostra forense apresentaram um nível de CS

($M = 41.47$; $DP = 7.55$) superior aos jovens da amostra comunitária ($M = 38.63$; $DP = 9.50$). No entanto, a magnitude do efeito foi pequena.

Validade convergente e validade divergente

Para avaliar a validade de construto (i.e., convergente e divergente), foram calculadas as Correlações de *Pearson* entre a CS e a vergonha externa, experiências emocionais de calor e segurança, agressividade e autocompaixão.

Foram encontrados valores de correlação positivos e significativos entre CS e experiências emocionais de calor e segurança, bem como com a autocompaixão. Por outro lado, foram encontradas correlações negativas significativas entre CS e vergonha externa, bem como com a agressividade (cf. Tabela 5).

Tabela 5.

Matriz de correlação entre SCS-R-A e variáveis externas (OASB-A, CEWSS-A, AQ-SF e SCS-A)

	OASB-A	CEWSS-A	AQ-SF	SCS-A
SCS-R-A	-.648**	.455**	-.305**	.572**

Nota. OASB-A – Escala de Vergonha Externa - Versão Breve para Adolescentes; CEWSS-A – Escala de Experiências Atuais de Calor e Segurança para Adolescentes; AQ-SF – Questionário de Agressividade – Versão Curta; SCS-A – Escala da Autocompaixão – Versão para Adolescentes; SCS-R-A – Escala de Conectividade Social – Revista – Versão para Adolescentes.

** Significativo ao nível $p < .001$.

Discussão

Tendo em conta a crescente dependência de relacionamentos com pares e grupos sociais na adolescência, a CS parece desempenhar um papel preponderante nesta fase

(Driver et al., 2023, Keizer et al., 2019; Longaretti, 2020). Assim, investigar as cognições interpessoais de proximidade pessoal e social (i.e., CS) pode fornecer importantes implicações para a avaliação e intervenção psicológica com adolescentes, nomeadamente com jovens que apresentam vulnerabilidades psicológicas e sociais (e.g., comportamento delinvente; Ribeiro da Silva et al., 2015; Rijo et al., 2023).

A SCS-R (Lee et al., 2001) é a medida mais frequentemente utilizada para avaliar a CS. A versão revista e adaptada da SCS-R foi já testada em adultos (Francisco et al., 2011) e embora já tenha sido utilizada com adolescentes portugueses (Malaquias et al., 2015), não se encontrava devidamente validada para a população-alvo. Deste modo, o presente estudo pretendeu colmatar esta lacuna, ao validar a SCS-R com adolescentes de amostras comunitárias e de contextos forenses. Especificamente, procurou-se estudar as características psicométricas da escala e testar a invariância do modelo de medida nas duas amostras de adolescentes (i.e., comunitária e forense). Procurou-se também testar se os níveis de CS variavam em função da amostra, e avaliar a validade de construto relativamente a variáveis externas, como a vergonha externa, a agressividade, a autocompaixão e as experiências atuais de calor e segurança.

Foi testada a estrutura unifatorial da versão original da escala com os 20 itens (Francisco et al., 2011; Lee et al., 2001), não tendo sido encontrado um modelo com bons indicadores de ajustamento. Após a exclusão de 11 itens, a Análise Fatorial Confirmatória com recurso ao Estimador de Máxima Verossimilhança apontou para bons indicadores de ajustamento para todas as amostras (i.e., amostra total, amostra comunitária e amostra forense). Além disso, os resultados padronizados de todos os itens suportaram a relevância estatística e prática do construto, confirmando uma estrutura de 9 itens (Tabachnick & Fidell, 2007). A SCS-R-A apresentou também uma consistência interna boa para ambas as amostras, suportando a confiabilidade da escala. Finalmente, o modelo

de medida mostrou-se invariante, permitindo assim comparações válidas entre os adolescentes da comunidade e de contextos forenses (Chen, 2007).

Tendo em conta a robustez da SCS-R, considera-se relevante incluir a avaliação da CS no âmbito dos protocolos de avaliação clínica forense de jovens agressores (Driver et al., 2013; Foster et al., 2017; Holt-Lunstad, 2018; Tomova et al., 2021). Esta avaliação poderá informar o/a psicólogo/a acerca das perceções que os adolescentes têm acerca das suas relações com a família, grupo de pares e comunidade, que a investigação tem mostrado que podem funcionar como fatores de risco ou de proteção do comportamento delinvente, dependendo da forma como os jovens as percebem e vivenciam (Fitrah et al., 2019; Foster et al., 2017; Stuart & Taylor, 2021). Além disso, a identificação da CS como alvo de avaliação e intervenção clínica forense poderá promover mudanças positivas nos relacionamentos interpessoais dos adolescentes (Blum et al., 2022; Diendorfer et al., 2021; Lamblin et al., 2017).

Contrariamente ao esperado, os resultados mostraram que os adolescentes da amostra forense reportaram níveis mais elevados de CS, comparativamente aos adolescentes da amostra comunitária. Estes resultados podem ser explicados pela metodologia de avaliação da CS, i.e., questionário de autorresposta, sendo que a investigação mostra que estes instrumentos poderão ser vulneráveis a enviesamentos, sobretudo com amostras forenses (Batista, 2016). Por outras palavras, adolescentes em contexto forense podem apresentar uma maior motivação para distorcer as suas respostas, com o intuito de apresentarem uma imagem positiva de si (i.e., desejabilidade social), aumentando a probabilidade de responderem de forma menos genuína aos itens dos questionários de autorresposta (Batista, 2016).

Este resultado pode também dever-se ao facto de estes adolescentes sentirem-se mais relutantes em partilhar as suas experiências emocionais de forma aberta, podendo

por isso responder de forma imprecisa a questões sobre as mesmas (Vagos et al., 2017). Esta imprecisão pode também ser explicada pelos sentimentos de vergonha que podem ter emergido durante o preenchimento do questionário. A vergonha, por sua vez, pode ter aumentado a probabilidade de distorção e/ou ocultação nas respostas (i.e., estratégias mal adaptativas para lidar com os sentimentos de vergonha; Matos et al., 2015). Por fim, estes adolescentes, cuja expressão emocional é frequentemente enquadrada em experiências traumáticas (i.e., ambientes hostis marcados por abuso e negligência e pela ausência de experiências de calor e segurança; Ribeiro da Silva et al., 2020; Santos et al., 2021; Vagos et al., 2018), tendem a sobrevalorizar a percepção das relações que estabelecem com os pares desviantes (Danhouse & Erasmus, 2020; Van Horn et al., 2020). Desta forma, os jovens podem ter adotado uma visão menos abrangente do seu mundo interpessoal e social, focando-se nas relações com o grupo de pares durante o preenchimento da escala.

No que diz respeito à validade de construto, os resultados mostraram que a CS está positivamente associada às experiências de calor e segurança. Estes resultados estão alinhados com dados anteriores da investigação (Malaquias et al., 2015; Santos et al., 2021), reforçando que ambientes seguros e calorosos podem potenciar o desenvolvimento de relações saudáveis e de ligação aos outros (Malaquias et al., 2015; Richardson et al., 2016; Santos et al., 2021). Em consonância, foi também encontrada uma associação positiva da CS com a autocompaixão. Esta última permite, por um lado, o reconhecimento dos próprios erros de forma proporcional e equilibrada e, por outro, vivenciar sentimentos de suporte em relação ao Eu. Deste modo, a autocompaixão pode ser entendida como uma variável facilitadora do estabelecimento de CS (Bloch, 2018; Bluth & Clepper-Faith, 2023; Cunha et al., 2016; Fitrah et al., 2019).

Por outro lado, os resultados mostraram que a CS está negativamente associada à vergonha externa e à agressividade. Estes resultados são congruentes com dados de

estudos anteriores (Mendes et al., 2020; Ward, 2014), reforçando que os sentimentos de vergonha externa podem emergir quando os adolescentes não desenvolvem o sentido de pertença e/ou quando não se sentem ligados aos outros (i.e., apresentam níveis reduzidos de CS; Gilbert, 2017a; Paulo et al., 2020). Do mesmo modo, adolescentes com vergonha externa podem interagir com os outros de forma agressiva. Esta estratégia mal adaptativa de lidar com a vergonha pode funcionar como fator de manutenção de níveis reduzidos de CS (Foster et al., 2017; Van Horn et al., 2016; Van Wert et al., 2017; Ventura, 2018).

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Importa referir a dimensão reduzida da amostra forense, pelo que investigações futuras devem replicar os resultados numa amostra maior. Embora psicometricamente sólidos, os dados de autorrelato são vulneráveis a respostas subjetivas e à influência da desejabilidade social, sendo que estudos futuros deverão incluir outros métodos de avaliação e/ou recorrer a outros informantes, bem como incluir no protocolo de avaliação uma medida de desejabilidade social. Finalmente, a natureza transversal do estudo não permite estabelecer relações causais entre as variáveis estudadas. Investigações futuras deverão optar, por exemplo, por estudos longitudinais de modo a corroborar os resultados encontrados.

Apesar das presentes limitações, os resultados deste estudo sugerem que a SCS-R-A é uma medida válida e confiável para avaliar as perceções que os adolescentes têm do seu mundo interpessoal e social, representando, por isso, um importante contributo para o domínio da avaliação psicológica. Para além disso, e considerando a importância que a CS desempenha na adolescência, nomeadamente na promoção do bem-estar e da saúde mental (Diendorfer et al., 2021; Driver et al., 2023; Foster et al., 2017; Wickramaratne et al., 2022), os resultados deste estudo podem fornecer importantes

implicações para a investigação e para a intervenção clínica com adolescentes da população comunitária, mas também de contextos forenses.

Bibliografia

- Batista, B. dos S. (2016). *Estudos de validação de duas escalas de avaliação da Desejabilidade Social, EDS-20 e DESCA, numa amostra forense* [Tese de mestrado não publicada]. Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/35371>
- Beaudequin, D., Schwenn, P., McLoughlin, L. T., Parker, M., Boyes, A., Simcock, G., Lagopoulos, J., & Hermens, D. F. (2021). A novel, complex systems approach to modelling risk of psychological distress in young adolescents. *Scientific reports*, *11*(1), 9428. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-88932-y>
- Bloch, J. H. (2018). *Self-Compassion, Social Connectedness, and Interpersonal Competence* (Publication No. 11224) [Graduate Student Theses, Dissertations, & Professional Papers, University of Montana]. <https://scholarworks.umt.edu/etd/11224>
- Blum, R. W., Lai, J., Martinez, M., & Jessee, C. (2022). Adolescent connectedness: cornerstone for health and wellbeing. *Adolescent Wellbeing*, *379*. <https://doi.org/10.1136/bmj-2021-069213>
- Bluth, K., & Clepper-Faith, M. (2023). Self-Compassion in Adolescence. In Finlay-Jones, A., Bluth, K., & Neff, K. (Eds.), *Handbook of Self-Compassion, Mindfulness in Behavioral Health* (pp. 89-107). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-031-22348-8_6
- Brown, E. G., Gallagher, S., & Creaven, A. M. (2018). Loneliness and acute stress reactivity: A systematic review of psychophysiological studies. *Psychophysiology*, *55*(5). <https://doi.org/10.1111/psyp.13031>

- Buss, A. H., & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(3), 452–459. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.3.452>
- Chen, F. F. (2007). Sensitivity of goodness of fit indexes to lack of measurement invariance. *Structural Equation Modeling*, 14(3), 464–504. <https://doi.org/10.1080/10705510701301834>
- Cunha, M., Matos, M., Faria, D., & Zagalo, S. (2012). Shame Memories and Psychopathology in Adolescence: The Mediator Effect of Shame. *International Journal of Psychology & Psychological Therapy*, 12(2), 203-218.
- Cunha, M., Xavier, A. M. J., Cherpe, S., & Pinto Gouveia, J. (2017). Assessment of Shame in Adolescents: The ‘Other as Shamer’ Scale. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-9. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33336>
- Cunha, M., Xavier, A., & Castilho, S. (2016). Understanding self-compassion in adolescents: Validation study of the Self-Compassion Scale. *Personality and Individual Differences*, 93, 56–62. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.09.023>
- Danhouse, M. H., & Erasmus, C. (2020). Family Connectedness In Families Dealing With Adolescents In Conflict With The Law. *Social Work/Maatskaplike Werk*, 56(3), 847-865. <https://doi.org/10.15270/56-4-862>
- Diendorfer, T., Seidl, L., Mitic, M., Mittmann, G., Woodcock, K., & Schrank, B. (2021). Determinants of social connectedness in children and early adolescents with mental disorder: A systematic literature review. *Developmental Review*, 60. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100960>
- Dimitrov, D. M. (2010). Testing for factorial invariance in the context of construct validation. *Measurement and Evaluation in Counseling and Development*, 43, 121-149.
- Driver, C., Moore, L., Mohamed, A., Boyes, A., Sacks, D. D., Mills, L., McLoughlin, L. T., Lagopoulos, J., & Hermens, D. F. (2023). Structural connectivity and its association with Escala de Conectividade Social - Revista: estudos de validação e invariância do modelo de medida numa amostra de adolescentes da comunidade e de contextos forenses Ana Duarte (analucia_simoeduarte@hotmail.com) 2023

social connectedness in early adolescence. *Behavioural Brain Research*, 440.

<https://doi.org/10.1016/j.bbr.2022.114259>

Elison, J., Garofalo, C., & Velotti, P. (2014). Shame and aggression: Theoretical considerations. *Aggression and Violent Behavior*, 19, 447–453.

<https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.05.002>

Eraslan-Capan, B. (2016). Social Connectedness and Flourishing: The Mediating Role of Hopelessness. *Universal Journal of Educational Research*, 4(5), 933-940.

<https://doi.org/10.13189/ujer.2016.040501>

Faro, A. L., McKee, L. G., Garcia, R. L., & O’Leary, J. L. (2019). Emotion socialization, social connectedness and internalizing symptoms in emerging adults. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 64.

<https://doi.org/10.1016/j.appdev.2019.101051>

Fatima, M., Niazi, S. A., & Ghayas, S. (2017). Relationship between Self-Esteem and Social Anxiety: Role of Social Connectedness as a Mediator. *Pakistan Journal of Social and Clinical Psychology*, 15(2), 12-17.

Fitrah, R., Masfuafah, A. A., Latipun, & Hasanati, N. (2019). Social connectedness as a mediator between self-compassion and psychological distress in adolescents. *The International Journal of Indian Psychology*, 7(4), 865-878.

Foster, C. E., Horwitz, A., Thomas, A., Opperman, K., Gipson, P., Burnside, A., Stone, D. M., & King, C. A. (2017). Connectedness to family, school, peers, and community in socially vulnerable adolescents. *Children and Youth Services Review*, 81, 321-331.

<https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2017.08.011>

Francisco, R., Crespo, C., Dias, E., Malaquias, A. S. & Rocha, I. (2011). *Versão portuguesa da SCS-R (versão para investigação)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.

Gilbert P. (2014). The origins and nature of compassion focused therapy. *The British journal of clinical psychology*, 53(1), 6–41. <https://doi.org/10.1111/bjc.12043>

- Gilbert, P. (2017a). Compassion as a social mentality: An evolutionary approach. In P. Gilbert (Ed.), *Compassion: Concepts, research and applications* (pp. 31–68). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315564296-3>
- Gilbert, P. (2017b). Exploring compassion focused therapy in forensic settings: An evolutionary and social-contextual approach. In J. Davies, & C. Nagi (Eds.), *Individual psychological therapies in forensic settings: Research and practice* (pp. 59–84). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315666136-5>
- Goss, K., Gilbert, P., & Allan, S. (1994). An exploration of shame measures-I: The other as Shamer scale. *Personality and Individual Differences, 17*, 713-717. [https://doi.org/10.1016/0191-8869\(94\)90149-X](https://doi.org/10.1016/0191-8869(94)90149-X)
- Hare-Duke, L., Dening, T., de Oliveira, D., Milner, K., & Slade, M. (2019). Conceptual framework for social connectedness in mental disorders: Systematic review and narrative synthesis. *Journal of affective disorders, 245*, 188–199. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.10.359>
- Haslam, S. A., McMahon, C., Cruwys, T., Haslam, C., Jetten, J., & Steffens, N. K. (2018). Social cure, what social cure? The propensity to underestimate the importance of social factors for health. *Social Science & Medicine, 198*, 14-21. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2017.12.020>
- Holt-Lunstad, J. (2018). Why Social Relationships Are Important for Physical Health: A Systems Approach to Understanding and Modifying Risk and Protection. *Annual Review of Psychology, 69*(1), 437-458. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-122216-011902>
- Hu, L., & Bentler, P. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*(1), 1–55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>

- Instituto Nacional de Estatística. (2010). *Classificação Portuguesa das profissões 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Keizer, R., Helmerhorst, K. O. W., & Gelderen, L. R. V. (2019). Perceived Quality of the Mother-Adolescent and Father-Adolescent Attachment Relationship and Adolescents' Self-Esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 48, 1203-1217. <https://doi.org/10.1007/s10964-019-01007-0>
- Kirby, J. N., Day, J. J., & Sagar, V. (2019). The 'Flow' of compassion: A meta-analysis of the fears of compassion scales and psychological functioning. *Clinical psychology review*, 70, 26-39. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2019.03.001>
- Kline, R. B. (2005). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. (2nd ed.). Guilford.
- Lamblin, M., Murawski, C., Whittle, S., & Fornito, A. (2017). Social connectedness, mental health and the adolescent brain. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 80, 57-68. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2017.05.010>
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1995). Measuring belongingness: The Social Connectedness and the Social Assurance scales. *Journal of Counseling Psychology*, 42(2), 232–241. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.42.2.232>
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1998). The relationship between social connectedness and anxiety, self-esteem, and social identity. *Journal of Counseling Psychology*, 45(3), 338-345. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.45.3.338>
- Lee, R. M., Draper, M., & Lee, S. (2001). Social connectedness, dysfunctional interpersonal behaviors, and psychological distress: Testing a mediator model. *Journal of Counseling Psychology*, 48(3), 310-318. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.48.3.310>

- Longaretti, L. (2020). Perceptions and experiences of belonging during the transition from primary to secondary school. *Australian Journal of Teacher Education*, 45(1). <http://dx.doi.org/10.14221/ajte.2020v45n1.3>
- Malaquias, S., Crespo, C., & Francisco, R. (2015). How do Adolescents Benefit from Family Rituals? Links to Social Connectedness, Depression and Anxiety. *Journal of Child Fam Stud*, 24, 3009–3017. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-0104-4>
- Maroco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. ReportNumber.
- Marsh, I. C., Chan, S. W. Y., & MacBeth, A. (2018). Self-compassion and Psychological Distress in Adolescents - a Meta-analysis. *Mindfulness*, 9, 1011-1027. <https://doi.org/10.1007/s12671-017-0850-7>
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., & Duarte, C. (2013). Internalizing early memories of shame and lack of safeness and warmth: the mediating role of shame on depression. *Behavioural and cognitive psychotherapy*, 41(4), 479–493. <https://doi.org/10.1017/S1352465812001099>
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J., Gilbert, P., Duarte, C., & Figueiredo, C. (2015). The Other As Shamer Scale – 2: Development and validation of a short version of a measure of external shame. *Personality and Individual Differences*, 74, 6-11. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.09.037>
- Mendes, A. L., Canavarro, M. C., & Ferreira, C. (2020). A vergonha e o bem-estar psicológico dos adolescentes: O medo de receber compaixão e os sentimentos de segurança e ligação aos outros como processos mediadores. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 6(2), 56-68. <https://doi.org/10.31211/rpics.2020.6.2.187>
- Moran, V., Curi, V., Fabbro, N., & Alessandrini, L. (2022). Validation of the Social Connectedness Scale in Argentinean adult sample. *Psychologica*, 65. https://doi.org/10.14195/1647-8606_65_3

- Morley, R. H. (2015). Violent criminality and self-compassion. *Aggression and Violent Behavior, 24*(5), 226–240. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.017>
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2015). *Guia do usuário Mplus (7ª ed.)*. Muthén & Muthén.
- Neff, K. D. (2003). The Development and Validation of a Scale to Measure Self-Compassion. *Self and Identity, 2*(3), 223-250. <http://dx.doi.org/10.1080/15298860309027>
- Neff, K. D., & Germer, C. K. (2013). A pilot study and randomized controlled trial of the mindful self-compassion program. *Journal of clinical psychology, 69*(1), 28–44. <https://doi.org/10.1002/jclp.21923>
- Nikstat, A., & Riemann, R. (2023). Differences in Parenting Behavior are Systematic Sources of the Non-shared Environment for Internalizing and Externalizing Problem Behavior. *Behavior Genet, 53*, 25–39. <https://doi.org/10.1007/s10519-022-10125-8>
- Paulo, M., Vagos, P., Ribeiro Da Silva, D., & Rijo, D. (2020). The role of shame and shame coping strategies on internalizing/externalizing symptoms: Differences across gender in adolescents. *European Journal of Developmental Psychology, 17*(4), 578-597. <https://doi.org/10.1080/17405629.2019.1682991>
- Pechorro, P., Barroso, R., Poiares, C., Oliveira, J. P., & Torrealday, O. (2016). Validation of the Buss-Perry Aggression Questionnaire-Short Form among Portuguese juvenile delinquents. *International Journal of Law and Psychiatry, 44*, 75-80. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2015.08.033>
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2015). The evolutionary roots of psychopathy. *Aggression and Violent Behavior, 21*, 85–96. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.01.006>
- Ribeiro da Silva, D., Rijo, D., & Salekin, R. T. (2020). Psychopathic traits in children and youth: The state-of-the-art after 30 years of research. *Aggression and Violent Behavior, 55*(6). <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101454>

- Richardson, M., McEwan, K., Maratos, F., & Sheffield, D. (2016). Joy and Calm: How an Evolutionary Functional Model of Affect Regulation Informs Positive Emotions in Nature. *Evolutionary Psychological Science*, 2, 308-320. <https://doi.org/10.1007/s40806-016-0065-5>
- Rijo, D., Brazão, N., Barroso, R., Ribeiro da Silva, D., Vagos, P., Vieira, A, Lavado, A., & Macedo, A. M. (2016). Mental health problems in male young offenders in custodial versus community based-programs: implications for juvenile justice interventions. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*, 10(40). <https://doi.org/10.1186/s13034-016-0131-6>
- Rijo, D., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Paulo, M., Ramos Miguel, R., Castilho, P., Vagos, P., & Gilbert, P. (2023). Promoting a Compassionate Motivation in Detained Youth: A Secondary Analysis of a Controlled Trial With the PSYCHOPATHY.COMP Program. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 14(2), 223-236. <https://doi.org/10.1037/per0000594>
- Santos, L., Sousa, R., Pinheiro, M., & Rijo, D. (2021). Development and Validation of the Current Experiences of Warmth and Safeness Scale in Community and Residential Care Adolescents. *Child Psychiatry & Human Development*, 52, 1118-1130. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-01090-6>
- Satici, S. A., Uysal, R., & Deniz, M. E. (2016). Linking social connectedness to loneliness: The mediating role of subjective happiness. *Personality and Individual Differences*, 97, 306-310. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.11.035>
- Sheehan, D., Sheehan, K., Shytle, R., Janavs, J., Bannon, Y., Rogers, J., Milo, K., Stock, S., & Wilkinson, B. (2010). Reliability and validity of the Mini International Neuropsychiatric Interview for Children and Adolescents (MINI-KID). *The Journal of Clinical Psychiatry*, 71(3), 313–326. <https://doi.org/10.4088/JCP.09m05305whi>

- Stavrova, O., & Luhmann, M. (2016). Social connectedness as a source and consequence of meaning in life. *The Journal of Positive Psychology, 11*(5), 470-479. <https://doi.org/10.1080/17439760.2015.1117127>
- Stuart, B. A., & Taylor, E. J. (2021). The Effect of Social Connectedness on Crime: Evidence from the Great Migration. *The review of economics and statistics, 103*(1), 18–33. https://doi.org/10.1162/rest_a_00860
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using Multivariate Statistics* (5th ed.). Allyn and Bacon.
- Tomova, L., Andrews, J. L., & Blakemore, S. J. (2021). The importance of belonging and the avoidance of social risk taking in adolescence. *Developmental Review, 61*. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2021.100981>
- Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., & Rijo, D. (2018). The Centrality of Events Scale in Portuguese Adolescents: Validity Evidence Based on Internal Structure and on Relations to Other Variables. *Assessment, 25*(4), 527–538. <https://doi.org/10.1177/1073191116651137>
- Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Rijo, D., & Elison, J. (2019). Psychometric Properties of the Compass of Shame Scale: Testing for Measurement Invariance Across Community Boys and Boys in Foster Care and Juvenile Detentions Facilities. *Child Youth Care Forum, 48*, 93–110. <https://doi.org/10.1007/s10566-018-9474-x>
- Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Rijo, D., & Gilbert, P. (2017). The Early Memories of Warmth and Safeness Scale for adolescents: Cross-Sample Validation of the Complete and Brief Versions. *Clinical psychology & psychotherapy, 24*(3), 793–804. <https://doi.org/10.1002/cpp.2059>
- Vagos, P., Ribeiro da Silva, D., Brazão, N., Rijo, D., & Gilbert, P. (2016). Dimensionality and measurement invariance of the Other as Shamer Scale across diverse adolescent
- Escala de Conectividade Social - Revista: estudos de validação e invariância do modelo de medida numa amostra de adolescentes da comunidade e de contextos forenses
Ana Duarte (analucia_simoeduarte@hotmail.com) 2023

samples. *Personality and Individual Differences*, 98, 289–296.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.04.046>

Van Horn, J. E., Reinders, M., Eisenberg, M. J., Lima-Heijns, A., & Posthumus, J. (2016). Using structural equation modeling to assess the impact of factors on sexual risk and delinquent behavior in Dutch female offenders. *Children and Youth Services Review*, 71, 233-240.

<https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2016.11.023>

Van Wert, M., Mishna, F., Trocmé, N., & Fallon, B. (2017). Which maltreated children are at greatest risk of aggressive and criminal behavior? An examination of maltreatment dimensions and cumulative risk. *Child Abuse & Neglect*, 69, 49-61.

<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.04.013>

Ventura, A. F. N. (2018). *A relação entre rejeição interpessoal e comportamento antissocial em jovens adultos portugueses*. [Tese de mestrado não-publicada]. Universidade de Coimbra.

Ward, L. E. (2014). *Shame and guilt: their relationship with self-esteem and social connectedness*. Dublin Business School.

Wickramaratne, P. J., Yangchen, T., Lepow, L., Patra, B. G., Glicksburg, B., Talati, A., Adekkanattu, P., Ryu, E., Biernacka, J. M., Charney, A., Mann, J. J., Pathak, J., Olfson, M., & Weissman, M. M. (2022) Social connectedness as a determinant of mental health: A scoping review. *PLOS ONE*, 17(10). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275004>

Wong, N. M. L., Yeung, P. P. S., & Lee, T. M. C. (2018). A developmental social neuroscience model for understanding loneliness in adolescence. *Social Neuroscience*, 13(1), 94-103. 4-103. <https://doi.org/10.1080/17470919.2016.1256832>